
A desconstrução do ideal materno no romance *A pediatra*, de Andréa del Fuego

The deconstruction of the maternal ideal in the novel *A pediatra* by Andréa del Fuego

Carolina Cassese Vasconcellos Serelle¹

Priscila Campolina de Sá Campello²

Rafaela Vieira Ozava³

RESUMO: O presente trabalho analisa o romance *A pediatra* (2021), de Andréa del Fuego, com ênfase na desromantização da maternidade. A narrativa acompanha Cecília, uma neonatologista que evita vínculos afetivos com seus pacientes e desafia estereótipos de feminilidade. Com base em autoras como Elisabeth Badinter (2011) e Silvia Federici (2021), o estudo identifica as estratégias narrativas empregadas pela autora para questionar certos ideais de subserviência e a construção histórica do ideal materno.

ABSTRACT: This paper analyzes the novel *A pediatra* (2021) by Andréa del Fuego, with an emphasis on the demystification of motherhood. The narrative follows Cecília, a neonatologist who avoids emotional bonds with her patients and challenges stereotypes of femininity. Drawing on authors such as Elisabeth Badinter (2011) and Silvia Federici (2021), the study identifies the narrative strategies employed by the author to question certain ideals of subservience and the historical construction of the maternal ideal.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade; Literatura Brasileira; Patriarcado

KEYWORDS: Motherhood; Brazilian Literature; Patriarchy.

¹ Doutoranda em Estudos de Espanhol e Português pela Universidade de Minnesota e mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

² Doutora em Literatura Comparada e professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas

³ Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e bacharel em Direito.

Introdução

Ao longo dos séculos, a condição materna foi imposta à maior parte das mulheres como um papel inevitável e essencial para a identidade feminina. Uma parcela da sociedade acredita que as mulheres possuem uma vocação natural para o cuidado, o que também é conhecido como “instinto maternal”. Tais estereótipos frequentemente associaram e continuam associando a plenitude do ser mulher à capacidade de gestar, o que fortalece a ideia de que a feminilidade está intrinsecamente ligada à maternidade, como uma condição permanente.

Em suas obras, a autora Elisabeth Badinter questiona esse ideal. Especificamente no livro *O conflito: a mulher e a mãe* (2011), a filósofa reflete sobre como a maternidade foi associada à ideia de feminilidade e, ao analisar figuras que foram marginalizadas ao longo dos séculos, afirma que “se estavam todos de acordo em santificar a mãe admirável, estavam também em fustigar a que fracassava em sua missão sagrada. Da responsabilidade à culpa havia apenas um passo, que levava diretamente à condenação” (Badinter, 2011, p. 195). Nesse sentido, podemos perceber que a sociedade não julga apenas aquelas que decidem não ter filhos, mas também aquelas que não são consideradas “mães ideais”, já que, de acordo com esse ponto de vista, elas seriam obrigadas a viver a serviço da família.

A autora também desconstrói o discurso determinista que relaciona as mulheres à maternidade, ponderando que: “Não existem dois modos de viver a

maternidade, mas uma infinidade, o que impede de falar de um instinto baseado no determinismo biológico. Este depende estritamente da história pessoal e cultural de cada mulher” (Badinter, 2011, p. 70). Ao desvincular a maternidade de crenças deterministas, Badinter sugere diferentes modos de vivenciar essa experiência, ao recusar a ideia de que existiria uma maneira “correta” de ser mãe.

Compreendemos que essa tentativa é parte de um processo de controle social que busca manter as mulheres dentro de esferas consideradas inerentes ao gênero, reforçando estereótipos que limitam a atuação feminina a funções relacionadas ao lar e à família. Tal construção histórica não apenas restringe as oportunidades das mulheres, como também sustenta a disparidade de gênero ao naturalizar essas funções de cuidado como exclusivamente femininas.

Diante de um cenário tão desigual, é evidente a importância de analisarmos obras que desconstruem determinados estereótipos de subserviência feminina. Com esse objetivo, nosso trabalho investiga o romance brasileiro *A pediatra* (2021), da autora Andréa del Fuego, visando compreender como os valores e pensamentos da narradora se opõem a alguns ideais de feminilidade e estereótipos associados ao amor materno. Intenciona-se relacionar a análise literária da obra com conceitos discutidos nesta introdução e na seção seguinte, especialmente aos argumentos de Elisabeth Badinter e Silvia Federici.

A condição materna e o trabalho do cuidado

Os argumentos de Badinter vão ao encontro das formulações de Silvia Federici, que também questiona a ideia de que a mulher teria uma vocação para ser mãe e esposa. Em *O ponto zero da revolução* (2019), a autora aponta que não existe nada natural nos afazeres da dona de casa:

São necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamento diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida. Mesmo assim, dificilmente se tem êxito. Não importa o quanto sejamos bem treinadas, poucas mulheres não se sentem enganadas quando o “dia da noiva” acaba e elas se encontram diante de uma pia suja (Federici, 2019, p. 43).

A partir da citação acima, constatamos que o sistema patriarcal historicamente se esforçou para atrelar determinados valores, como a domesticidade e o amor materno, ao sexo feminino. No estudo *O patriarcado do salário* (2021), a pesquisadora italiana reflete sobre o mercado de trabalho: “Carregamos para qualquer emprego que ocupamos essa identidade e as ‘habilidades domésticas’ adquiridas desde o nascimento” (Federici, 2021, p. 32). Na contemporaneidade, mulheres seguem sendo maioria nos postos de trabalho relacionados ao ato de se ocupar de crianças e idosos.

Essa restrição de liberdade, diretamente associada à sobrecarga feminina, pode ser observada a partir de dados da realidade brasileira. Segundo uma pesquisa publicada pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas em

2024, houve aumento no número de mães que criam seus filhos de forma independente nos últimos anos. No período de 2012 a 2022, o total passou de 9,6 milhões de mães para 11,3 milhões (Terra, 2024). Destacamos que a maior parte dessas mulheres não opta por serem mães solo, mas se encontram nessa condição por conta de situações como o abandono paterno, também muito comum no cenário brasileiro. Enquanto a sociedade atribui funções rígidas às mulheres, há menor cobrança dirigida às figuras paternas.

É válido destacar ainda que, historicamente, o movimento feminista apresentou diferentes perspectivas acerca da valorização do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. Uma das principais divisões refere-se ao tema da remuneração: enquanto um grupo defende que as donas de casa deveriam ser pagas, inclusive por funções associadas à maternidade, outra parcela argumenta que a remuneração desse trabalho poderia fortalecer a divisão sexual do trabalho, o que poderia prejudicar determinadas demandas do feminismo.

A primeira categoria é integrada principalmente por ativistas que fizeram parte do “Salários para o Trabalho Doméstico” (*Wages for Housework*), iniciativa feminista que emergiu na década de 1970, especialmente em países como Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Itália, Reino Unido – o movimento teve uma presença mais organizada nesses países, mas ideias semelhantes também inspiraram debates em diferentes partes do mundo. O movimento, então, passou a integrar um debate mais amplo sobre o papel das mulheres na sociedade e na

economia.⁴ Uma das principais reivindicações da iniciativa, como o nome indica, era que as mulheres recebessem um salário pelo trabalho realizado em casa.

Em *Salario para el trabajo doméstico: historia, teoría y documentos 1972–1977* (2019), editado por Arlen Austin e Silvia Federici, argumenta-se sobre a relevância dessas demandas. No documento “Salário para o trabalho doméstico como análise do capitalismo”, escrito em 1974 pelo movimento *Wages for Housework*, as autoras defendem que “a condição não assalariada constitui a base material da nossa dependência dos homens na família e na sociedade [...]. O poder que tem sobre nós é o poder do salário”⁵ (*Wages for Housework*, 1974, tradução nossa). No entanto, ativistas como a filósofa estadunidense Angela Davis (2016) afirmam que a demanda por remuneração poderia agravar as desigualdades existentes:

Se a estratégia de reivindicar remuneração para as tarefas domésticas pouco contribui para propiciar uma solução de longo prazo para o problema da opressão das mulheres, ela também não contribui substancialmente para enfrentar o profundo descontentamento das donas de casa contemporâneas (Davis, 2016, p. 227).

⁴ Ressaltamos que, atualmente, o movimento *Wages for Housework* não segue com a mesma organização formal dos anos 1970 e 1980. No entanto, algumas de suas participantes continuam desenvolvendo ações que defendem salários para o trabalho da dona de casa.

⁵ No original: “Nuestra condición no asalariada constituye la base material de nuestra dependencia del hombre dentro de la familia y de la sociedad [...] El poder que tiene sobre nosotras es el poder del salario”.

Aqui, a autora destaca que muitas das donas de casa acreditam que as funções domésticas sejam opressivas e, em sua opinião, o ganho de um salário não alteraria tais percepções. Davis, então, defende a coletivização do trabalho doméstico, o que implicaria em uma ampla redistribuição social dessas tarefas.

Apesar das discordâncias acerca de determinadas reivindicações, destacamos que a campanha “Salários para o Trabalho Doméstico” foi fundamental para expandir o debate sobre a exploração das mulheres no âmbito doméstico. Como podemos observar, o próprio nome do movimento caracteriza as funções de mães e donas de casa como trabalho, o que já estabelece uma visão contra-hegemônica acerca do tema. Ademais, essas discussões evidenciaram a necessidade de políticas públicas que apoiem as mulheres e construam condições para a igualdade de gênero, o que abrange pautas como o reconhecimento e o suporte às demandas da maternidade.

O romance *A pediatra*

Natural de São Paulo, a escritora Andréa del Fuego é mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). A autora recebeu, no ano de 2011, o Prêmio Saramago de literatura pela obra *Os Malaquias*, publicada no ano anterior. Em 2025, o romance foi eleito como um dos melhores livros brasileiros do século pelo veículo *Folha de S. Paulo*.

O enredo de *A pediatra*, segundo romance da autora e finalista do Prêmio Jabuti, é inusitado. Acompanhamos a história de Cecília, uma neonatologista que não demonstra simpatia alguma por crianças e parece enxergar a própria profissão de maneira muito pragmática. Como pondera o pesquisador Wallace Rodrigues (2022), um grande destaque da obra é a personalidade da protagonista, que busca um outro tipo de maternidade e enfrenta a sociedade machista, utilizando-se de mecanismos de poder, como o dinheiro e o sucesso na profissão, para viver à sua maneira.

Ressalta-se também a inventividade da forma narrativa, que reúne pensamentos e impressões da personagem central sem recorrer à pontuação convencional, como pontos e travessões. Além disso, observamos o uso reiterado de vírgulas, que reforçam o ritmo acelerado do cotidiano da personagem. Tal característica pode ser notada, por exemplo, no seguinte trecho: “O consultório estava agitado, outono, as crianças chegavam com olheira, musculatura flácida, tosse, coriza” (Del Fuego, 2021, p. 17). A passagem ilustra a maneira automatizada como Cecília trabalha, também bastante evidente na frase sequencial: “Tratei todo mundo aviando a mesma receita salva no laptop, mudava só o nome” (Del Fuego, 2021, p. 7).

Em entrevista ao podcast *Rádio Companhia*, da editora Companhia das Letras, a autora Andréa del Fuego afirma que o processo de escrita do romance envolveu muita pesquisa no âmbito das mídias sociais: “Conversei com dois pediatras e fui atrás de perfis de residentes e médicos no Twitter. Queria saber o vocabulário do

médico fora do consultório. [...] A Cecília é uma médica e eu sou uma paciente. A personagem é uma médica escrita por uma paciente” (Rádio Companhia, 2021). O uso do termo “aviar” (no sentido de fornecer medicamentos conforme uma orientação médica), presente no parágrafo anterior, exemplifica como o livro apresenta um vocabulário característico da área da medicina. Na entrevista, a autora também reforça que a protagonista Cecília apresenta uma personalidade muito distinta da sua, o que exigiu ainda mais inventividade no momento da escrita.

Ao longo do romance, percebe-se que a protagonista se sente cada vez mais incomodada com o aumento da procura por partos humanizados, que costumam envolver a presença de doulas, responsáveis por oferecer apoio às mulheres durante toda a gestação. Em paralelo, há o desenrolar do envolvimento da protagonista com Celso, um homem casado e pai do garoto Bruninho. Uma das tramas mais marcantes da obra é justamente a relação que Cecília estabelece com o filho de seu amante, já que ela se apega profundamente ao menino e, com o passar do tempo, esse vínculo se fortalece.

Outro personagem importante para a história é Jaime, um neonatologista recém-chegado no hospital, que desde o início não é aprovado por Cecília. Em um ambiente predominantemente feminino, como a sala obstétrica, a presença desse médico gera incômodo, principalmente porque o personagem é frequentemente recomendado pelas parturientes e doulas, o que Cecília considera uma afronta à profissão: “Doulas procuram cursos de enfermagem obstétrica que, elas têm certeza, vão levá-las ao patamar de alguma coisa diplomada” (Del Fuego, 2021, p.

90). A personagem principal descobre ainda uma parceria entre Jaime e Maria Amélia, médica com quem Cecília costumava trabalhar, o que intensifica seu sentimento de rivalidade:

Mas a parturiente, envolvida pela doula, disse ser a protagonista do parto e colocou Maria Amélia e o marido para fora do quarto. A médica escorraçada. Quem era a moça? Amiga do Jaime, disse Maria Amélia, o neonatologista com quem estava trabalhando. Envergonhada, me disse que estava com ele nos últimos meses por recomendação das parturientes que já chegavam com o nome dele, ninguém mais nascia sem o Jaime. Eu sabia que era mentira, ela não era obrigada a ficar com Jaime nenhum, mas seu constrangimento foi um sinal animador. Jaime e doula não iam durar naquela maternidade, pensei (Del Fuego, 2021, p. 23).

Cecília, então, começa a se sentir insegura com a própria carreira, consciente de que a visão promovida por Jaime não necessariamente condiz com a realidade do parto e as possíveis complicações decorrentes desse processo. Ao mesmo tempo, ela reconhece que esse mesmo discurso, ainda que idealizado, é capaz de atingir um público que suas próprias argumentações, mais técnicas e impessoais, não conseguem alcançar.

Outra figura masculina de grande importância na narrativa é o pai de Cecília, um endocrinologista pediátrico, responsável por incentivá-la na carreira. Ele serve de referência profissional à filha, pois tem um consultório consolidado e, segundo a personagem principal, sempre soube lidar com as “mãe-pâncreas”, aquelas que “acordam às três da manhã para aplicar insulina, cumprem a função do órgão insuficiente do filho e nunca mais dormem uma noite inteira depois do diagnóstico” (Del Fuego, 2021, p. 19). Como veremos adiante, o personagem do pai adoece, o

que leva Cecília a encarar sua própria fragilidade: “Meu pai era a pessoa mais importante da minha vida, ficou claro qual era a minha necessidade dominante, não deixar meu pai morrer” (Del Fuego, 2021, p. 59).

Ressalta-se ainda a relação da médica com Deise, uma faxineira grávida, que se encontra em situação de vulnerabilidade e tenta conciliar a gestação com o trabalho prestado à personagem principal. Dessa maneira, a funcionária está inserida em uma realidade diferente da que vive a protagonista, tema que iremos abordar com atenção em um momento posterior. Acompanhamos, então, a relação da protagonista com esses personagens secundários, que, de maneira geral, enfrentam dificuldades para lidar com a neonatologista.

Representações da maternidade na obra de Andréa Del Fuego

Como apontamos, um dos temas centrais de *A pediatra* é a crítica ao ideal materno. Ao longo da história, a personagem Cecília evidencia uma postura “anti-maternidade”, rompendo com discursos normativos que associam a realização feminina à maternidade e à vocação para o cuidado. Cecília expressa de forma direta seu desprezo pelo ideal materno, questionando inclusive o momento da gestação: “Eu devia avisar às grávidas da Mãe Prana o que as espera em baixas porcentagens, ainda que baixos e raros, os riscos e agravos são um belíssimo anticoncepcional” (Del Fuego, 2021, p. 40). Nota-se ainda que a personagem não demonstra afeição por crianças, mesmo que conviva com pacientes pediátricos durante grande parte

do seu dia: “[...] não vou negar que criança me aborreça” (Del Fuego, 2021, p. 58). Esse comportamento reforça ainda mais sua recusa em corresponder às expectativas sociais, como mãe, médica, pediatra, esposa, filha e patroa.

Outro exemplo de quebra de expectativa se encontra logo no começo do romance, quando a protagonista ainda é casada e narra sobre sua vida: “O apartamento era do meu pai, o carro também. Meu marido não tinha com o que se preocupar, vivia nas costas da construtora tocada pela família, que me adorava porque eu era médica, achando que eu agiria como enfermeira quando fosse necessário. Nem pensar” (Del Fuego, 2021, p. 15). Nesse trecho, a personagem se recusa a estabelecer o papel de cuidadora da própria família, reafirmando uma atitude de firmeza.

Também podemos observar a visão da protagonista sobre a maternidade a partir de suas interações com a já mencionada Deise, faxineira que trabalha e reside em sua casa. Pertencente a uma classe social mais baixa, a personagem representa um contraponto importante à protagonista, evidenciando como a maternidade é atravessada por marcadores sociais diversos, como classe e acesso à informação. Quando a funcionária engravida e segue consumindo bebidas alcoólicas, Cecília afirma que “uma gestante em casa é um problema potencial conforme o avançar das semanas, bebendo, então, não quis calcular” (Del Fuego, 2021, p. 36).

Em outro momento da história, quando a médica não consegue contactar Deise, Cecília supõe que a funcionária optou por interromper a gravidez: “Foram fazer o aborto tardio, ela passava dos três meses, não falou nada para não me trazer

problema, acharam uma casa, aqui mesmo em Pinheiros, com atendimento humano e feminista que aceitou um valor simbólico pelo aborto da doméstica oprimida pelo sistema” (Del Fuego, 2021, p. 107). Essa hipótese, no entanto, acaba não se confirmando: Deise decide seguir com a gravidez, mesmo enfrentando dificuldades financeiras.

Ressaltamos que o trecho destacado acima também ilustra a consciência de Cecília sobre a desigualdade de classe, já que ela usa a expressão “doméstica oprimida pelo sistema”. Essa compreensão, porém, não faz com que a neonatologista se preocupe verdadeiramente com Deise, já que, em diferentes passagens do livro, a gravidez da funcionária é entendida como um empecilho para a protagonista ou, ainda, como uma condição que não deveria causar incômodos:

Até ali Deise conseguiu não me incomodar com nada que se relacionasse à sua saúde gestacional. Havia lido amostras de vitaminas, se enjoava à noite, eu não ouvia do meu quarto. Não era caso de demissão, não faria isso, era boa profissional, ela se comportava como uma mulher sem filhos (Del Fuego, 2021, p. 25).

No final da narrativa, a personagem pondera que: “O quanto antes eu a demitisse melhor, ela ia parir no chão da cozinha, Robson cortando o cordão com a chave da moto. Eu resolveria mais tarde, mas a tempo. Tomei um comprimido e embarquei” (Del Fuego, 2021, p. 165). Existe, então, uma mudança de atitude por parte da protagonista, que passa a se comportar de maneira mais insensível com a funcionária. Ressaltamos que Cecília é especialmente fria com pessoas pertencentes a classes mais baixas, o que também evidencia seu preconceito de classe.

Sobre esse elemento da narrativa, o pesquisador Bruno Teixeira (2024) argumenta que

Não há dados objetivos que possibilitem enquadrar as personagens como brancas ou negras, o que impede a uma leitura racial de como a maternidade atravessa essas mulheres de maneira diferente. No entanto, Cecília está inserida em uma classe social majoritariamente constituída por indivíduos brancos: é, pelo menos, a segunda geração de médicos da família e moradora de um bairro de classe média alta de São Paulo. Deise é uma mulher periférica, em vulnerabilidade financeira, realizando um serviço que em sua maioria é realizado por mulheres negras (Teixeira, 2024, p. 39).

Compreendemos, então, que o romance aborda o tema da disparidade econômica, bastante relevante para pensarmos sobre a diversidade das experiências femininas no Brasil.

Diante dessas considerações, é válido abordarmos o conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw na década de 1980. De acordo com a estudiosa, essa noção, pensada a partir dos estudos de gênero, diz respeito à sobreposição de diferentes formas de opressão e discriminação. Logo, a interseccionalidade enfatiza que as desigualdades não devem ser compreendidas isoladamente. Uma mulher negra, por exemplo, enfrenta discriminação de maneira diferente de uma mulher branca ou de um homem negro, porque as opressões baseadas em raça e gênero se mesclam e produzem experiências específicas, que não podem ser explicadas a partir de uma análise isolada de raça, classe ou gênero (Crenshaw, 1989). Dessa maneira, o conceito de interseccionalidade nos ajuda a

compreender que pessoas pertencentes a determinados grupos muitas vezes sofrem mais de uma opressão.

Nesse sentido, é possível concluir que os ideais de domesticidade não são os mesmos para todas as mulheres. Historicamente, alguns grupos de mulheres precisaram trabalhar fora de casa (muitas vezes sem receberem uma remuneração digna), o que resultou num acúmulo de funções, já que essas mesmas pessoas também eram consideradas responsáveis por seus próprios lares. No romance selecionado, esse é o caso da personagem Deise, que, como mencionamos, trabalha e mora na casa de Cecília.

A neonatologista, por outro lado, não demonstra ter preocupações financeiras e, em muitos momentos, chega a esnobar alguns de seus pacientes: “Fico distante nas consultas e não retorno às chamadas até que os pais resolvam conhecer outro pediatra” (Del Fuego, 2021, p. 19). Tal comportamento também não é comumente associado a atitudes femininas, em especial a mulheres que trabalham na área de saúde. Essa postura explica, inclusive, a sensação de deslocamento da personagem diante de parcelas da sociedade que parecem enxergar apenas o lado positivo do cuidar, desconsiderando todo o árduo trabalho envolvido nessas atividades.

Destacamos que, ao longo da trama, a protagonista tem várias atitudes associadas ao seu estilo de vida privilegiado, como indicamos anteriormente. Nesse sentido, o texto retrata ainda comportamentos característicos de uma parcela da classe média alta brasileira, que usufrui de condições financeiras privilegiadas para subjugar pessoas com condições financeiras inferiores. Podemos nos perguntar: em

um país desigual como o Brasil, quais mulheres conseguem realmente optar por romper com os ideais de domesticidade?

Mesmo reconhecendo as significativas diferenças entre as condições femininas e a importância da noção de interseccionalidade, Angela Davis (2016) pondera que o patriarcado se esforçou para estabelecer um ideal universal de comportamento: “Embora a figura da ‘dona de casa’ tivesse suas raízes nas condições sociais da burguesia e das classes médias, a ideologia do século XIX estabeleceu a dona de casa e a mãe como modelos universais de feminilidade” (Davis, 2016, p. 219). Nesse sentido, compreendemos que a opressão patriarcal busca limitar a vida das mulheres, muitas vezes sem considerar as singularidades de diferentes percursos – ignorando, por exemplo, a realidade das que escolhem não se casar ou ter filhos.

Dialogando com os já mencionados argumentos de Badinter (2011), a filósofa Fabienne Brugère (2023) defende que os rígidos papéis sociais associados ao trabalho do cuidado intensificam as desigualdades existentes. Para a autora, a divisão relacionada às categorias “homem/mulher” limita as escolhas do segundo grupo: “Essa abordagem retira do cuidado sua tradição de luta pela liberação das mulheres, confinando-o num essencialismo” (Brugère, 2023, p. 20). A filósofa, portanto, argumenta contra a ideia de que a aptidão para essas atividades estaria relacionada ao “maternar” ou a qualquer característica supostamente atrelada ao sexo feminino.

Além de não ser uma figura maternal no estilo clássico (ou seja, alguém que sempre sonhou em casar e ter filhos), a protagonista de *A pediatra* constantemente critica parte da cultura que romantiza o período da gestação. Como já indicamos, o principal alvo da narração é a escola de yoga Mãe Prana, voltada para gestantes que buscam uma abordagem mais natural. O seguinte trecho descreve o funcionamento da instituição:

A Mãe Prana era referência na cidade, aquilo cresceria exponencialmente, as doulas formavam novas doulas e essas doulas eram mulheres que, depois de passar pela depressão do puerpério e ser demitidas do emprego, acharam um nicho de trabalho cobrando por uma assistência pagã (Del Fuego, 2021, p. 34).

A personagem questiona principalmente o fato de que as funcionárias da instituição empregavam apenas discursos positivos acerca da gravidez e da maternidade. Esse mesmo tom também pode ser observado em outras passagens do romance, como quando Cecília critica as mães que desvalorizam o papel do médico na hora do parto: “[..] para elas, o médico pediatra em cena nada deve interferir no espetáculo da assistência natural, o médico fica em pé no canto do apartamentinho como fator de suporte psicossomático, faz de conta que temos médico, mas sem a medicina” (Del Fuego, 2021, p. 115). Notamos que ela se mostra empenhada em defender a própria profissão, especialmente porque acredita que o papel tradicional do neonatologista – e de outras profissões afins – vem sendo questionado.

Com o intuito de ficar a par do que é discutido naquele ambiente, já que as novas práticas interferem no seu trabalho, Cecília finge estar grávida e passa a estar presente nas aulas da escola de yoga. Ao falar da falsa gestação, ela também demonstra como enxerga o assunto de maneira pragmática: “Isso eu podia contornar depois, tranquilamente também com a falsa gravidez, minha barriga não cresceria porque eu perderia o filho num aborto natural, a gestação não vingaria como as que não vingaram desde os egípcios e não vingarão até Marte” (Del Fuego, 2021, p. 31). A partir desse trecho, nos damos conta de que a narradora não pode ser descrita como sensível, outra característica frequentemente associada ao feminino.

Em determinado momento do romance, a protagonista passa a desenvolver uma relação obsessiva com Bruninho, filho de César. A personagem deixa claro, porém, que mesmo esse relacionamento não se encaixa nos moldes tradicionais: “Privilégio não ter sido empurrada pelo nevoeiro materno, minha atração por Bruninho estava acima da que existe entre mãe e filho, utilitária, sequencial de tarefas, ergue a pedra, a pedra cai, ergue-se a pedra outra vez” (Del Fuego, 2021, p. 142). Ao utilizar a expressão “nevoeiro materno”, a protagonista evidencia que, para ela, o chamado “amor materno” tem uma conotação negativa, já que deixaria as mulheres com uma visão turva.

Mesmo com essa justificativa, Cecília se mostra confusa e aflita nos momentos em que se aproxima de Bruninho. Podemos compreender seu comportamento a partir de uma passagem presente na primeira parte do romance:

Minha casa andava morta, eu comia na rua, chegava mais tarde, tomava cerveja uma noite ou outra com a cardiologista Valéria Macedo, amiga antiga de Celso. Valéria havia se separado cinco anos antes e sentia falta do casamento. **Não tinha filhos, como eu, mas queria ter, diferente de mim. Criança nem pensar, acabaria minha naturalidade, me obrigaria a ser outra pessoa** (Del Fuego, 2021, p. 27. Grifo nosso).

Nota-se, por meio do trecho, que a protagonista tem receio de perder a referência de sua personalidade. É possivelmente por isso que Cecília se sente tão angustiada ao se aproximar de Bruninho, já que teme se tornar “outra pessoa”. Podemos pensar que esse medo integra a rotina de muitas (futuras) mães, considerando que a gestação pode modificar estruturalmente a vida de uma mulher. A partir dessa perspectiva, o cumprimento do papel materno é caracterizado, por meio da narração, como uma forma de sacrificar uma série de privilégios e liberdades pessoais. Ressalta-se ainda que, no livro de Andréa del Fuego, mães e avós figuram, na maior parte das consultas realizadas por Cecília, um papel central de cuidadoras das crianças.

Recuperando Badinter (1985), inferimos que as funções associadas à maternidade sofreram uma série de mudanças sociais na transição entre a Idade Moderna e os séculos XIX e XX. A primeira alteração a ser observada é que, além do trabalho doméstico, as mães também passaram a ser responsáveis por assegurar a seus filhos uma formação intelectual, tarefa essa que foi assumida:

com entusiasmo, como atesta o prodigioso número de livros sobre a educação escritos por mulheres. Tomou-se consciência de que a mãe não tem apenas uma função ‘animal’ competindo-lhe também o dever de formar

um bom cristão, um bom cidadão, um homem, enfim, que encontre o melhor lugar possível no seio da sociedade (Badinter, 1985, p. 326).

Isso posto, na contemporaneidade há ainda a imposição de que a mulher forme a criança em termos socioemocionais, garantindo-lhe satisfação e promovendo-lhe um ambiente propício ao desenvolvimento de suas competências e habilidades. Tal função estabelece, conseqüentemente, uma considerável carga financeira e emocional para a mãe, que se vê sem possibilidade de abdicar desse papel “sob pena de condenação moral” (Badinter, 1985, p. 237). Dessa maneira, àquelas que optam por não cumprir tal demanda patriarcal, sobram-lhes o desprezo de toda uma sociedade que opera a partir da sobrecarga feminina.

Retomando a trama de *A pediatra*, também é relevante notar que a fixação de Cecília em Bruninho se fortalece a partir do momento que seu pai sofre um infarto:

Meu pai estava com dor aguda e contínua no peito irradiando para o ombro esquerdo e pescoço, falta de ar, angustiada. (...) Os sintomas indicavam infarto do miocárdio ou embolia pulmonar, minhas pernas amolecidas, tontura repentina me desconectou, mas enfim me voltei ao eixo central, meu pai era a pessoa mais importante da minha vida, ficou clara qual era minha necessidade dominante, não deixar meu pai morrer (Del Fuego, 2021, p. 70).

Quando o personagem já se encontra mais estável, Cecília visita-o e pondera:

Assim que vi meu pai, aflito de saber o coração batendo em espaço menor, mas apaziguado pelo prognóstico, confiante no colega, na medicina, em seu corpo, já com o humor costumeiro, retomei meu estado anterior. Foi meu pai sorrir para que Bruninho voltasse à primeira tela mental. (Del Fuego, 2021, p. 73).

Assim, é possível afirmar que o abalo emocional decorrente da possibilidade de morte do pai conduz a protagonista a uma espécie de regressão afetiva: com o genitor hospitalizado, seus vínculos afetivos adquirem novos significados, e o reaparecimento de Bruninho em sua “tela mental” pode ser interpretado como um deslocamento simbólico – uma tentativa inconsciente de preencher o vazio emocional causado pela possível perda do pai. Nesse contexto, o ímpeto de maternar não aparece na história como um projeto autêntico, mas principalmente como sintoma de um desequilíbrio emocional.

No final do romance, compreendemos que a personagem principal, já bastante desamparada, decide fugir com Bruninho (ou seja, sequestrar o garoto): “Coloquei comida e os insumos no bagageiro do carro, encaixei Bruninho na cadeirinha. Ele empalideceu, eu o observaria pelo espelho de visão ampla. Abasteci no primeiro posto e seguimos para o litoral” (Del Fuego, 2021, p. 166). Acreditamos, porém, que essa ação da protagonista diz mais respeito a uma afirmação de poder do que a uma verdadeira afeição pelo garoto, associada às supostas características maternas.

É possível, então, relacionarmos alguns dos comportamentos de Cecília com argumentos apresentados na introdução deste trabalho, relativos às escolhas de algumas mulheres na sociedade contemporânea, como a recusa de se tornarem cuidadoras estereotipadas. Dessa maneira, entendemos que, ao longo da história, a protagonista surpreende não apenas por se apresentar como uma pediatra que

não gosta de crianças, mas principalmente pelo fato de ser uma mulher que descarta parte das convenções estabelecidas socialmente.

Considerações finais

Diante do exposto, consideramos que o romance *A pediatra*, de Andréa del Fuego, desafia algumas expectativas sobre o conceito de feminilidade, em especial por conta das temáticas abordadas na história e, ainda, pelas escolhas formais da autora. Como apontamos, o uso reiterado de vírgulas ilustra o ritmo acelerado de Cecília, que se encontra constantemente angustiada. Temos a sensação de que a personagem não consegue de fato parar para refletir sobre suas ações, principalmente porque demonstra ser impulsiva. Ademais, o romance é narrado em primeira pessoa e apresenta diversas passagens em que a narração ocorre através de fluxo de consciência, o que contribui para o entendimento do estado psicológico da protagonista, em especial para compreendermos o sentimento dela por Bruninho.

É também por meio da narração que percebemos como a pediatra menospreza a maior parte de seus pacientes, em especial aqueles que questionam a medicina tradicional. Ressalta-se que o livro dialoga com temas bastante discutidos na sociedade contemporânea, como a abordagem do parto humanizado, que critica práticas excessivamente medicalizadas. Segundo a perspectiva de Cecília, essa visão frequentemente reforça um ponto de vista idealizado da

maternidade e desconsidera muitas das experiências traumáticas relativas ao momento do parto.

Lembramos ainda que a protagonista representa um setor muito específico da sociedade brasileira – não apenas por ser médica, mas também por ter crescido em uma família de classe alta. Reforçamos, portanto, nossa visão de que a personagem apresenta comportamentos característicos de pessoas pertencentes a uma camada social privilegiada, que podem romper com ideais de feminilidade sem sofrer prejuízos significativos.

Aqui, reiteramos também a nossa interpretação de que a protagonista de *A pediatra* não é construída como um simples exemplo de subversão, já que, em diversas passagens, ela demonstra ter preconceito de classe. No entanto, por manifestar desinteresse em papéis compreendidos como “femininos” pela sociedade patriarcal, Cecília rompe com alguns padrões da sociedade vigente. Tais quebras de expectativas refletem a complexidade da personagem, que não segue estereótipos de delicadeza e feminilidade. Essa resistência, portanto, evidencia a importância de se considerar manifestações diferentes do que se espera para o feminino, inclusive no campo da representação literária.

Por fim, salientamos que pesquisas de natureza similar à desenvolvida neste artigo também fomentam o debate contemporâneo sobre gênero e literatura, uma vez que não só questionam as estruturas patriarcais e as representações de feminilidade em uma sociedade pautada pela ingerência masculina, mas também reforçam alguns pontos discutidos pela crítica feminista latino-americana, como a

autonomia reprodutiva das mulheres, a igualdade de gênero no âmbito do trabalho doméstico e a subjetividade feminina. Ademais, vale lembrar que esta pauta tem sido levantada por várias autoras contemporâneas brasileiras, como Aline Bei e Giovana Madalosso, o que pavimenta o caminho para futuras discussões.

Referências

AUSTIN, Arlen; FEDERICI, Silvia. **Salario para el trabajo doméstico: historia, teoría y documentos 1972–1977**. Trad. Aránzazu Catalán Altuna. Buenos Aires: Tinta Limón, 2019.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BRASIL possui mais de 11 milhões de mães solo. **Terra**, 2024. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/brasil-possui-mais-de-11-milhoes-de-maes-solo-aponta-estudo,67095da2f71938c73bca67a2b4a2862bnher8h3u.html>>. Acesso em: 20 de jun..2024.

BRUGÈRE, Fabienne. **Ética do cuidado**. São Paulo: Contracorrente, 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, pp. 139–167, 1989.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL FUEGO, Andréa. **A pediatra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FOLHA DE S. PAULO. Veja os melhores livros brasileiros de literatura do século 21. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 mai. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/05/veja-os-melhores-livros-brasileiros-de-literatura-do-seculo-21-segundo-juri-convidado-pela-folha.shtml>. Acesso em: 9 jul. 2025.

RÁDIO COMPANHIA. Bate-papo sobre “A pediatra”, com Andréa del Fuego e Vera Iaconelli. Entrevistadores: Mariana Figueiredo. Entrevistadas: Andréa del Fuego e Vera Iaconelli. [S.l]: Companhia das Letras, 19 dez. 2021. **Podcast**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/6264/radio-companhia-172-bate-papo-sobre-a-pediatra-com-andrea-del-fuego-e-vera-iaconelli>. Acesso em: 5 ago. 2024

RODRIGUES, Wallace. Apontamentos sobre o livro *A pediatra*, de Andréa Del Fuego. **Revista Escritas**, v. 14, n. 1, p. 187-190, 2022.

TEIXEIRA, Bruno Barbosa. **Mãe só tem uma?: as maternidades nos romances A pediatra (2021), de Andréa del Fuego, e Suíte Tóquio (2020), de Giovana Madalosso**. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

Recebido em: 18/09/2025

Aceito em: 25/11/2025